

A MPB gaúcha

Por Rogério Ratner

A MPB feita pelos gaúchos, desde o final dos anos 70, vem sendo denominada, de um modo universal, como MPG (Música Popular Gaúcha). A sigla nem sempre é considerada exatamente adequada por vários músicos ligados a tal estética, mas o fato é que a expressão se consagrou. Tanto é assim que a RBS Discos lançou em 1984 um LP reunindo diversos artistas da cena de então, que intitulou exatamente como “Música Popular Gaúcha”.

Uma das razões que podemos apontar para o surgimento desta expressão é que muitos dos trabalhos assim identificados misturavam elementos da MPB (bossa nova, tropicalismo, samba, rock, etc.) com referências da chamada música nativa do RS. Assim, a alcunha viria, de uma certa maneira, sintetizar a idéia da fusão da MPB com o regionalismo gaúcho. Contudo, em relação a muitos dos artistas que acabaram sendo identificados como também “pertencentes” à MPG, não se vislumbra tão diretamente esta ligação com o nativismo, de forma que, a partir daí, vários músicos passaram a considerar a expressão um tanto limitada. Seja como for, o que ocorre na prática é que o pessoal que conhece a cena musical gaúcha, ao ser feita a associação de um artista com a MPG, termina identificando, de algum modo ou de outro, o tipo de música que ele faz, de maneira que a expressão não deixa de ter uma utilidade corrente, apesar de todos os senões que se lhe possam ser atribuídos. Com relação ao público que não está habituado com a cena gaúcha, talvez fosse o caso de referir que, quando é mencionada a expressão MPG, isto corresponde à MPB feita no Rio Grande do Sul.

É oportuno ressaltar que, sem embargo da formatação característica e muito própria que diversos ritmos de origens variadas tomaram no âmbito da produção regionalista dos gaúchos (o schottisch, que virou aqui chote ou xote; a habanera, que virou vanera ou vanerão, a polka, que aqui se transformou em uma forma bem peculiar de polka, o mesmo ocorrendo com a valsa, e etc.), a música feita no RS sempre abrangeu um larguíssimo espectro estilístico. Realmente, a história da música gaúcha, em linhas gerais, compreende tanto a consolidação das fusões que resultaram nos chamados elementos nativos, quanto a produção criada a partir de diversos ritmos vicejantes na música brasileira, e, até, na música internacional. Cumpre, desde logo, apontar para o fato de que no RS também houve uma forte “Época de ouro do Rádio”, especialmente capitaneada pelas Rádios Farroupilha, Gaúcha e Difusora, além de várias outras emissoras pela capital e do interior do estado, no período, a grosso modo, que vai dos anos 30 até os 60 do século XX. Afora isto, as rádios do centro do país, tal como a Rádio Nacional, a Mayrink Veiga e a Tupi, eram muito ouvidas aqui, de forma que as estações gaúchas suportavam a concorrência direta das mais afamadas emissoras do Brasil, e os músicos/compositores/cantores sofriam grande influência da produção musical elaborada especialmente no centro do país. Naquele período, a exemplo do que ocorria no cenário nacional, os compositores gaúchos faziam muitos sambas, boleros, tangos, sambas-canção, valsas, bossa nova, etc., e os músicos da noite tocavam todos estes ritmos, e ainda mais o jazz, o foxtrote, a

rumba, e o que mais fosse. Há também uma forte tradição da música erudita no RS, por conta da convivência entre as diversas etnias européias radicadas no Estado, sendo que as imigrações italiana e alemã causaram especialmente um grande impacto neste sentido. Assim, o Rio Grande do Sul sempre sofreu uma constante influência dos mais diversos referenciais, tanto nacionais, como internacionais, em sua produção musical, o que vai de encontro ao “mito” - que de uma certa forma ainda grassa na cultura brasileira - do gaúcho como elemento “fechado” e isolacionista.

Mas, retomando-se o nosso foco, impende ressaltar que a chamada MPG consolidou-se especialmente em paralelo à formatação da própria MPB em nível nacional, desde que esta, naturalmente, seja entendida, em um sentido mais estrito, como a música popular surgida a partir dos festivais da canção, muito embora a sigla propriamente dita tenha se universalizado mais exatamente nos anos 70.

Conforme já referimos, dentro do espectro da assim chamada MPG, verificamos uma grande diversidade, pois cada artista tem um enfoque muito particular. De fato, a MPG abrange, em linhas gerais, não apenas os artistas ligados à mencionada fusão dos ritmos gaúchos com a MPB, mas também outros que fazem uma MPB de viés mais “universal”, e outros, ainda, que têm um viés ainda mais próxima do pop. O que não significa absolutamente que aqueles que apresentam, em sua obra, uma maior identificação com os ritmos “regionais”, também não dêem atenção, em alguma medida, aos elementos musicais “universais” no conjunto de sua obra, e vice-versa. Contudo, e sem embargo, acreditamos ser válido lançarmos mão do expediente de apontar músicos identificados como pertencentes às principais “tendências” da MPG, invocando alguns nomes de artistas atualmente atuantes, e também outros que não estão mais em cena, mesmo que tão somente para efeitos de exposição.

Da tendência “regionalista” da MPG poderíamos apontar nomes tais como: Almôndegas (e, em decorrência, seus ex-integrantes, tais como Kleiton e Kledir e Pery Souza), Vitor Ramil, Cao Trein, Sérgio Napp, Beбето Alves, Rebenque, Neto Fagundes, Pentagrama, Jerônimo Jardim, Mário Barbará, Raul Ellwanger, Loma, Canto Livre, Cordas e Rimas, Grupo Folk, Victor Hugo, Fogaça, Status, Marco Araújo, Sérgio Rojas, Sérgio Napp, Tambo do Bando, Vinícius Brum, Leandro Cachoeira, Mercado Livre, Cantadores do Litoral, só para ficarmos em algumas referências.

Da tendência “universal”, podemos citar: Saracura (e seus respectivos ex-integrantes, em carreiras-solo), Nelson Coelho de Castro, Gélson Oliveira, Elaine Geissler, Cláudio Levitan, Fernando Ribeiro/Arnaldo Sisson, Cláudio Vera Cruz, Fausto Prado/ Caetano Silveira, Glória Oliveira, Nando Gross, Galileu Arruda, Nando D’ávila, Ângela Jobim, Maria Rita Stumpf, Paulo Gaiger, Lúcia Helena, Metamorfose, Grito Latino, Mercado Livre, Pedro Guisso, Antônio Villeroy, Geraldo Flach, Susana Maris, Adriana Calcanhotto, Maria Lúcia, Yoli, Toneco, Zé Caradípia, Sá Brito, Fernando Corona, Opus, Carlinhos Hartlieb, Ana Mazzotti, Beto e Jorge Herrmann, Emergência, Flávio Bicca Rocha, Giba Giba, Léo Ferlauto, Nanci Araújo, Zé Flávio, Adriana Marques, Arthur de Faria, Simone Rasslan, Toneco, Wanderley Falkenberg, Gil Gérson, Hique Gomes, Grupo Semente, Marcelo Delacroix, Alessandra Verney, Silvana Cruz, Edu Natureza, Marisa Rotenberg, Grupo Ensaio, Carlos Patrício, Mário Falcão, Gleí Soares, Henrique Wendhausen, Karine Cunha, Bando Barato pra cachorro, Cuidado que mancha, Vanessa Longoni, Adriana Deffenti, Auriu Irigoite,

Renato Mendonça/Dedé Ribeiro, Dudu Sperb, Flora Almeida, Márcio Celi, Nó de Taquara, Alex de Souza, Alexandre Vieira, Quintal de Clorofila, Necka Ayala, Flávio Adônis, Gallia, Rodrigo Piva, Daisy Folly, Café Acústico, Raul Boeira, Lu Barros, Tribufu, Ita Arnold, Muni, Léa Cintra, etc.

Da tendência mais “pop”, podemos indicar: Papas da Língua, Nei Lisboa, Lúcia Severo, Rafael Brasil, Harmadilha, Danni Calixto, Rosa Franco, Miscelânea K, Anahatta, Émerson Ribeiro, Jah Mai, Monica Tomasi, Juliano Courtois, Mutuca, Midian Almeida, Couro/cordas/e cantos, Luciana Pestano, Complexo de Épico, Gilberto Travi, Anahatta, Luciana Costa, Hermes Aquino, Deio Escobar, Cláudio Vera Cruz, Luíza Kaspari, Annie Perek ... (e, modestamente, até este que vos fala).

É claro que estes nomes são apenas alguns, mesmo porque seria impossível listar as centenas de artistas relacionados à MPB no RS num mero artigo. Com efeito, cabe ressaltar que vale muito a pena conhecer os diversos sites/blogs/rádios que rodam ou abordam a MPB dos gaúchos, e, em cujas páginas certamente pode-se obter um panorama mais amplo desta cena. Podemos indicar alguns endereços muito legais, tais como, por exemplo: o “portal do rock gaúcho”, a rádio “buzina do gasômetro”, o site “bandas gaúchas”, o blog “bandas do rock gaúcho forever”, o blog “música da boa”, o blog do jornalista Emílio Pacheco, a rádio “no cabo”, a FM Cultura; ou mesmo procurar em sites nacionais, como “trama virtual”, “palco mp3”, “clique music”, ou internacionais, como “my space” e “last fm”, etc., que vai se encontrar músicas e referências a autores/cantores gaúchos. Isto, naturalmente, afóra as publicações da imprensa convencional, tais como a Zero Hora, o Correio do Povo, o Jornal O Sul, o Jornal do Comércio, os jornais do grupo ABC, a revista Aplauso, todos com sites na internet. E, ainda, os jornais alternativos Fala Brasil, Vaia, Usina do Porto, Extra Classe, entre outros. Além, é claro, de visitar os sites pessoais mantidos por diversos artistas, que geralmente são fáceis de achar: ou são “www. o nome do artista.com.br”, ou, procurando-se o nome no Google, logo aparecem.